O M*anifesto*: relíquia histórica ou documento atual?

*ATÍLIO B. BORÓN**

Quase vinte e cinco anos após a publicação do *Manifesto* e no momento em que silenciava a artilharia contra a Comuna de Paris, Marx e Engels julgaram conveniente reexaminar esse escrito a fim de avaliarem o que nele existia de relevante e o que poderia ser relegado ao esquecimento. O diagnóstico, formulado no prefácio de 1872, afirmava que os "princípios gerais" enunciados no *Manifesto* tinham resistido incólumes com o passar do tempo. Naturalmente, o mesmo não ocorreu com a "aplicação prática" desses princípios — dependentes das circunstâncias e contingências particulares —, com sua crítica à literatura socialista da época e com as táticas a empregar pelos comunistas em relação aos diferentes partidos da oposição.

Os "princípios gerais", aludidos pelos dois autores, foram posteriormente sintetizados por Engels, no "Prefácio" à edição alemã (1883) do *Manifesto* — poucos meses antes da morte de Marx —, da seguinte maneira: a) que o modo de produção e a estrutura social que dele se deriva em cada época histórica constituem os cimentos da história intelectual e política da mesma; b) que desde a dissolução da comunidade primitiva, caracterizada pela propriedade comum da terra, a história da humanidade tem sido a história da luta de classes, entre exploradores e explorados, entre dominantes e dominados; e que c) estas lutas alcançaram um estágio onde o proletariado, como classe explorada e oprimida, já não pode emancipar-se da classe que o explora e o oprime sem liberar ao mesmo tempo toda a sociedade da exploração e da opressão, ou seja, pondo um fim à luta de classes. Esta brevíssima síntese de Engels é, convém assinalar, um fiel reflexo do esboço traçado pelo próprio Marx em sua famosa "Introdução" de 1859 aos *Grundrisse*.

* Professor titular de Ciência Política da Universidade de Buenos Aires, Argentina. Integra o conselho de colaboradores internacionais de *Crítica Marxista*. Tradução do castelhano de Caio N. de Toledo.

Caberia indagar se os "princípios gerais" do materialismo histórico seguem sendo, "substancialmente exatos" em fins do século XX. Os dados disponíveis sobre a concentração e centralização do capital, sobre a gigantesca gravitação dos monopólios, sobre a crescente desigualdade econômica e social, sobre a polarização social e sobre a persistência da exploração e da opressão apoiam com firmeza os prognósticos esboçados no *Manifesto* e desenvolvidos num plano teórico mais profundo e minucioso em *O Capital*. Conviria não perder de vista que, diferentemente deste último, aquele foi um livro de agitação e propaganda, urgentemente encomendado pela Liga dos Comunistas ante a iminência da revolução que se avizinhava. Numa carta enviada a Marx em 1845, Engels informava sobre a crescente agitação reinante na Renânia, observando que "o que sobretudo agora nos falta são duas ou três obras importantes onde encontrem uma base sólida os que somente entrevêem as coisas, a quem lhes gostaria saber, mas não podem desenvolver por si mesmos". Pouco tempo depois, Marx e Engels haveriam de por mãos à obra. Mas *A ideologia alemã* resultou num texto, segundo seus autores, destinado à "crítica roedora dos ratos", concebido como uma tentativa de fazerem um "ajuste de contas" com a herança do idealismo transcendental alemão e não como um instrumento para educar as massas na conjuntura pré-revolucionária em gestação. Esta tarefa estaria reservada ao *Manifesto Comunista*.

a) Os acertos duradouros do *Manifesto* ...

Tem alguma "atualidade" o *Manifesto*? Segundo Ellen Meiksins Wood, "o que o *Manifesto* tem para dizer em relação ao desenvolvimento capitalista é assombrosamente profético". Em maior ou menor medida, o capitalismo materializou as profecias que ali se formularam acerca de sua universalização, "tendo derrubado todas as muralhas chinesas que se opunham à sua expansão mundial e disseminado seus imperativos de acumulação e competição em cada rincão do planeta".[1] Esta perspectiva assinala que as transformações ocorridas a partir da reestruturação neoliberal somadas ao desaparecimento da União Soviética e dos países do Leste Europeu fizeram com que o capitalismo alcançasse um grau de desenvolvimento, tanto em extensão como em profundidade, sem precedentes na história. Do ponto de vista político, a cumplicidade entre os estados neoliberais e o capital "globalizado" tornou-se ainda mais

1. Ellen M. Wood — "Revisiting the Communist Manifest". In: *Against the current,* nº 72. vol XII, jan./feb. 1998.

transparente, renovando assim as credenciais de uma das teses centrais do *Manifesto* acerca do Estado — "o comitê que administra os assuntos comuns da classe burguesa". Isto significa dizer a "lógica do movimento" do capitalismo prevalece agora como nunca anteriormente: espacialmente, porque abarca um âmbito geográfico muito superior a qualquer outro antes existente; socialmente, porque o capitalismo "mercantilizou" todos os aspectos da vida social, desde a força de trabalho até a saúde mental e o meio ambiente, desde as crenças religiosas até a identidade dos sujeitos. "Tudo que é sólido se dissolve no ar", afirma o *Manifesto*, e "todo o sagrado é profanado e, ao fim, o homem é constrangido a enfrentar, com fria sobriedade, sua verdadeira condição na vida e nas relações com os demais".

Curiosamente, porém, esta "onipresença" do capitalismo, este "estar em todas partes" parece torná-lo "invisível".[2] O capitalismo se "naturalizou" e se "eternizou". No plano teórico, isto se manifestou sob duas formas: por um lado, a direita neoliberal entoa hinos ao "fim da história", ao reino dos mercados e da democracia liberal, ao estilo de Francis Fukuyama e sua pletora de seguidores; por outro lado, um pós-marxismo envergonhado (niilista, eclético, pós-moderno) que postula, violando alegremente todas as regras da lógica, formal ou dialética, abandonar Marx e decretar a morte do marxismo posto que o capitalismo se universalizou!

Num texto de 1937, Trotski busca distinguir as teses que "retêm pleno vigor no dia de hoje daquelas que requerem importantes alterações ou ulteriores desenvolvimentos".[3] Entre as primeiras o revolucionário russo inclui a concepção materialista da história; a permanência da luta de classes (negada, segundo o autor, pelos revisionistas, social-democratas e stalinistas); a anatomia da sociedade capitalista e o papel do trabalho assalariado; a tendência à pauperização dos trabalhadores; o caráter cíclico das crises; a natureza classista do Estado; o caráter político da luta de classes (tese que é examinada e refinada em Meiksins Wood); a impossibilidade para o proletariado de conquistar o poder político no marco das instituições burguesas (contra todo tipo de reformismo); a necessidade histórica da ditadura do proletariado; o caráter internacionalista da revolução proletária; a extinção do Estado e, por último, a tese do caráter

2. Idem — "What is the 'postmodern agenda'". In: E. M. Wood & J. B. Foster, *In defence of History*. N.Y., Monthly Review Press. (Este artigo foi publicado em *Crítica Marxista*, nº 3, 1996. Nota do tradutor)

3. Leon Trotski — "Ninety years of the Communist Manifesto". 1937. (Este ensaio faz parte da coletânea de textos, organizado por O. Coggiola, publicado pela Boitempo Editorial, 1998; ver, neste número de CM, resenha desse livro. Nota do tradutor.)

apátrida do proletariado. Neste escrito, Trotski apenas enuncia essas teses, de maneira que resultaria difícil — e possivelmente seria injusto — tratar de examiná-las à luz dos desenvolvimentos posteriores. Em geral, pode-se dizer que, em boa parte dos casos, ele tenha acertado, ainda que o caráter polêmico de seu texto — dirigido contra o stalinismo e contra os reformistas social-democratas — às vezes conspira para debilitar o rigor teórico de seus argumentos.

Uma visão semelhante é sustentada pelo trotskista britânico Alan Woods, com abundante uso de materiais empíricos que sustentam sua tese sobre a permanente vigência das teses fundamentais do *Manifesto*.[4] Woods dá particular atenção aos processos de concentração e centralização do capital nos mais diversos setores da produção, os serviços e as finanças; às megafusões empresariais havidas nos últimos anos e à incontida expansão do desemprego de massas. Infelizmente, o autor não desenvolve suas idéias na direção dos aspectos do *Manifesto* que deveriam ser reformulados.

Em resumo, e para concluir esta parte, fazemos nossas as palavras de Marshall Bermann:

> Há mais de 30 anos (...) me ensinaram que [o *Manifesto*] era obsoleto e que, apesar de nos ajudar a entender o mundo de 1860, a verdade é que não tinha nenhuma relação com o mundo de 1960: o mundo do Estado de bem-estar e da guerra fria. É irônico, pois, na medida em que fico mais velho, o *Manifesto* mais rejuvenece; pode-se mesmo afirmar que tem mais relevância no final do século XX do que na metade do século XIX.[5]

Tal como o famoso retrato de Dorian Gray, o *Manifesto* parece cada dia mais jovem e atual.

b) ... e suas lacunas

Embora continuem válidas as formulações de Bermann, impõe-se aqui também a necessidade de se examinar os vazios, os pontos cegos e as ausências existentes no *Manifesto*. Seria desonrar a memória de Marx e Engels fazer de seu texto um "livro sagrado" que dispensaria a exigência de uma leitura crítica, convertendo-o, assim, numa espécie de *Talmud* laico em cujas páginas estaria encerrada toda a sabedoria da história passada, presente e futura.

4. E. M. Wood — "Revisiting..."; op. cit.

5. Marshall Bermann — "Marx y el futuro". *Que hacer?*, Lima, nº 100, mar/abril de 1996;

Uma análise detalhada do *Manifesto* foi realizada por Juan Ramon Capella. Embora se proponha a recuperar a atualidade do texto de Marx e Engels, seu empreendimento, no entanto, privilegia mais a dimensão moral do *Manifesto* — o tema recorrente da exploração — do que a pertinência da análise sobre a sociedade capitalista. Parece-nos que uma das chaves para entender esta atitude radica na visão equivocada que o autor tem sobre o caráter do *Manifesto* e seu lugar no projeto teórico-político dos jovens alemães. É por esta razão que Capella sustenta, por exemplo, que: "O *Manifesto Comunista* foi originalmente, sem dúvida, um texto ocasional, de circunstâncias, redigido às vésperas da onda revolucionária de 1848 com a urgência de deixar para trás velhas idéias (...) O caráter circunstancial do texto, em pouco tempo, obrigou seus autores a considerar obsoletas algumas de suas partes, bem como, mais tarde, momentos centrais de sua concepção dos processos históricos".[6]

Capella acerta ao observar que Marx e Engels consideraram que o *Manifesto* havia envelhecido em algumas de suas partes. Contudo, não foram partes "bastante centrais" de sua concepção do processo histórico que teriam sido declaradas obsoletas e caducas. Pelo contrário, como Marx e Engels explicitaram de maneira bastante clara, "os princípios gerais desenvolvidos neste Manifesto seguem sendo substancialmente exatos". Somente tem razão quando propõe uma leitura do *Manifesto* basicamente a partir da atual conjuntura. Contudo, sua própria proposta tem uma resolução um pouco inconsistente porque — apesar dos argumentos anteriores (envelhecimento de partes "bastante centrais do *Manifesto*) — a análise pormenorizada que realiza demonstra precisamente a validade dos "princípios gerais".

Esquematicamente, poderíamos identificar dois grandes grupos de problemas: por uma parte, temas do *Manifesto* que contêm teses que necessitam ser revisadas; por outra, os "temas ausentes" ou cujo tratamento, no melhor dos casos, não passa do plano meramente enunciativo. Em relação ao primeiro grupo, assinalamos o seguinte:

I) em primeiro lugar, uma subestimação das potencialidades de desenvolvimento contidas no próprio seio do capitalismo. De fato, Marx e também Engels, se encarregaram de reconhecer isso, em mais de uma oportunidade, sobretudo em seus diversos escritos sobre o bonapartismo e o bismarckismo, respectivamente;

II) paralelamente a isso, houve uma superestimação acerca da maturidade revolucionária da classe operária. Marx e Engels rapidamente

6. Juan R. Capella — *El ciudano siervo*. Valencia, Ed. de la Universidad, 1993. p. 158/9

se deram conta de seu erro e, em sucessivos escritos, adotaram uma perspectiva muito mais realista sobre as dificuldades existentes para que o proletariado se convertesse em "classe para si", se organizasse em partido político e, assim, se colocasse como vanguarda de um vasto bloco de classes e camadas populares;

III) um tema corretamente identificado e tratado por Trotski foi o da extinção das classes e das camadas intermediárias, que, na perspectiva desse autor, teria sido abordado de forma unilateral do *Manifesto.* Com efeito, há no Manifesto uma subestimação das tendências em relação ao crescimento de uma "nova classe média" constituída por empregados, administradores, técnicos e todo um conjunto de "empregados de colarinho branco" que tornaram mais complexa a paisagem classista do capitalismo avançado. A este respeito, caberia também recordar que, uma vez mais, em textos posteriores de Marx, em particular o capítulo VI (inédito) de *O Capital,* este tema foi tratado extensamente;

IV) por último, a inexistência no *Manifesto* de uma reflexão em torno da transformação da livre concorrência em monopólio.

Um capítulo à parte merecem, finalmente, os "temas ausentes" ou os vazios teóricos do livros: a questão ecológica, o sexismo e o tema do nacionalismo.

Neste sentido, as observações de Capella sobre a primeira questão são corretas. Reconhecer a gravidade da ameaça ecológica e o silêncio do *Manifesto* acerca disso é uma coisa; contudo, não se pode aceitar a afirmação de que as relações de "tipo ecológico" são mais fundamentais que as relações de produção. Se os camponeses da Amazônia queimam as matas, usam a terra para a agricultura por um breve período e, em seguida, quando o solo fica árido, põe novamente fogo na floresta, não é porque sejam ecologicamente inconscientes; a explicação disso reside na existência do pavoroso problema do latifúndio e na miséria que sofrem. As populações que contaminam os mananciais na cidade do México não fazem isto por simples ignorância; é a especulação imobiliária que os leva a contaminar a própria água que bebem.

Em relação ao "sexismo" do *Manifesto* é evidente que da mesma forma como acontece com a questão da ecologia, existem lacunas importantes no texto. Marx e Engels ignoraram por completo, ao menos nessa obra, a "dupla jornada" da mulher e muitas outras questões relativas à situação particular de opressão das mulheres nas estruturas sociais de tipo patriarcal. Neste sentido, o notável senso crítico que ambos evidenciaram em relação a outros temas não foi suficiente para superar os preconceitos convencionais

da época, ainda que se deva reconhecer que, em textos posteriores — particularmente de Engels —, o tema começou a ser levado em consideração.

De toda forma é importante ter em conta o seguinte. Freqüentemente, a literatura feminista, procurando, por boas razões, enfatizar a importância da opressão doméstica, perde a perspectiva mais ampla em relação à questão do gênero limitando deste modo sua potencialidade explicativa e, talvez, sua eficácia prática. Em outras palavras: no limite, o capitalismo pode coexistir com a absoluta igualdade dos sexos/gêneros, mas não pode admitir a absoluta igualdade das classes sociais. Esta última possibilidade aboliria de imediato as fontes mesmas de seu poder econômico e político, dando lugar a uma sociedade pós-capitalista de novo tipo. Em compensação, o capitalismo pode admitir e promover o "florescimento da sociedade civil" e as mais irrestritas expressões de "alteridade" e da "diferença", como gostam de proclamar os pós-modernos.

Por último, uma palavra sobre a questão do nacionalismo. É evidente que aqui nos encontramos diante de outro "lugar vazio" no *Manifesto*. Contrariamente ao que se esperava, os trabalhadores demonstraram uma enorme vulnerabilidade diante das interpelações do nacionalismo. Da mesma forma que os dois grandes temas anteriores, a ausência no documento fundador da moderna luta de classes de uma adequada análise do nacionalismo — e de suas patologias, como o "chauvinismo", o racismo e localismos de diversos tipos — em nada nos exime da responsabilidade de buscar uma séria discussão sobre o tema. O marxismo nos fornece os elementos para isso.

c) Um *Manifesto* para o século XXI

Este é o feliz título do ensaio de Alan Woods que capta um aspecto essencial do *Manifesto*. Não é uma obra que pertença à arqueologia das idéias políticas, mas um texto com imensa vitalidade e cada vez mais jovem, como lembrou Marshall Bermann. A que obedece este processo? Por uma parte, devido à justeza das teses fundamentais contidas nesse texto, apesar de algumas delas terem exigido importantes revisões — parcialmente feitas pelos próprios autores do *Manifesto* — e outras por seus seguidores. Gostaria de insistir na importância de uma questão: a necessidade de considerar este texto como um elo no projeto teórico-prático que tem seu ponto de partida em 1842/1843, que amadurece com *A ideologia alemã* em 1845, e vai se refinando na medida em que Marx e Engels aprofundam seus estudos sobre a economia política clássica e que

se sintetiza — numa linguagem simples e dirigida para as massas que levantavam barricadas em toda a Europa — neste texto memorável, por seu conteúdo, por seu estilo e por sua influência, que é o *Manifesto Comunista.*

Acerca da questão do conteúdo, basta simplesmente recordar que o capitalismo, na América Latina como em outras partes do mundo, adquiriu características tão grosseiramente "econômico-corporativistas", como observava Gramsci, que algumas das mais rotundas afirmações do *Manifesto* se convertem em sombrios diagnósticos da realidade contemporânea. Quem pode duvidar que na Argentina, no Brasil ou no México, para não ir mais longe, o Estado se transformou no "comitê que administra os negócios comuns da burguesia"?

Finalmente, umas poucas palavras sobre o estilo, à guisa de conclusão deste ensaio, que busca ser também um convite a ler ou reler o *Manifesto*. Para isto peço permissão para me apropriar de uma belíssima reflexão sobre este tema feita por Umberto Eco. Faço-a minha:

"Releiamos, por favor. Começa com um formidável golpe de tímpano, como a Quinta de Beethoven: 'Um fantasma ronda a Europa' (...) segue imediatamente depois uma história a vôo de pássaro das lutas sociais, desde a antiga Roma até o nascimento e desenvolvimento da burguesia (...) Vê-se (quero dizer exatamente 'vê-se', no sentido quase cinematográfico) esta nova força irrefreável que, impulsionada pela necessidade de novas saídas para suas mercadorias, cruza todo o orbe terráqueo (...) transtorna e transforma países longínquos porque os preços baixos de seus produtos são uma espécie de artilharia pesada que derruba qualquer muralha chinesa, faz capitular os bárbaros mais tenazes no ódio contra o estrangeiro, instaura e desenvolve as cidades como sinal e fundamento de seu poder, se multinacionaliza, se globaliza, até inventa uma literatura não mais nacional, mas mundial (...) E se a parte doutrinária resultasse muito difícil, eis aqui o golpe final, dois *slogans* que paralisam a respiração, fáceis de reter na memória, destinados (parece-me) a uma sorte fabulosa: 'Os proletários nada têm a perder, salvo suas próprias cadeias' e 'Proletários de todos os países, uni-vos'".[7]

7. Umberto Eco — "! Qué anuncio, compañero Marx !" *La jornada semanal,* México. 8/3/1998. Além das referências bibliográficas, citadas anteriormente em notas de rodapé, o autor indica os seguintes outros trabalhos: F. Claudin — *Marx, Engels y la revolución de 1848;* George Cole — *History of socialist thought*: *the forerunners 1789-1850*; idem — *History of socialist thought: The Second International 1889-1914*; Ellen M. Wood — *Democracy against capitalism*; Manuel Sacristán - *Sobre ecologismo, pacifismo y politica alternativa*; Walther Victor — *1848. Europa hace un siglo, en el año del Manifiesto, aurora de los tiempos nuevos*; Edward Wolff — "How the pie is sliced ?"; Michael Löwy — *La teoria de la revolución en el joven Marx.*

BORÓN, Atílio B. O Manifesto: relíquia histórica ou documento atual?. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.6, 1998, p.98-105.

Palavras-chave: Manifesto Comunista; Marx; Engels; Materialismo.